

Análise da motivação dos nomes dos acidentes físicos nos municípios do Portal do Sertão - BA

*Analysis of toponymic motivations of physical
features in the towns of Portal do Sertão in Bahia*

Analídia dos Santos Brandão¹

Silvana Soares Costa Ribeiro²

Celina Márcia de Souza Abbade³

RESUMO: A toponímia é uma das subdivisões dos estudos onomásticos, que se dedica ao conhecimento da origem e dos significados dos nomes próprios de lugares. Os topônimos podem ter a natureza física, quando apresentam características ligadas ao próprio acidente físico-natural; ou a natureza antropocultural, quando os nomes de lugares apresentam características voltadas para a cultura do homem. Com os estudos toponímicos, é possível verificar o conhecimento social, cultural e demais manifestações humanas, pois, por meio do registro nominal de um lugar, o homem reflete a sua realidade. Assim sendo, este trabalho analisa as motivações toponímicas dos acidentes físicos dos 17 municípios que compõem o Território de Identidade 19 – Portal do Sertão da Bahia –, além de apontar os aspectos linguísticos, tais como a origem e a formação dos nomes de lugares. Para tanto, foram

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLinC – Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: ninhalydia@yahoo.com.br

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLinC – Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: silvanar@ufba.br

³ Professora Plena do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – PPGEL – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: celinabbade@gmail.com

apresentadas as análises de 113 topônimos, apontando o quantitativo das taxionomias mais e menos expressivas, a língua de origem, o processo de formação de palavras utilizado e, por fim, segue uma listagem dos 113 topônimos analisados, organizados em ordem alfabética e estruturados em verbetes. A estrutura adotada para construção dos verbetes vem descrita no item de análise dos dados e foi idealizada com base na ficha toponímica utilizada na pesquisa. O artigo tem como base teórica e metodológica os estudos sobre a toponímia brasileira propostos por Dick (1990; 1992), aos quais são agregados outros trabalhos mais recentes, tais como o de Isquerdo (1996), o de Carvalhinho (2003) dentre outros.

Palavras-chave: Toponímia; Motivação; Acidentes físicos; Território de Identidade; Portal do Sertão.

ABSTRACT: *The toponymic is one of the subdivisions of onomastic studies, which is dedicated to the knowledge of the origin and meanings of the proper place names. The place names can have a physical nature, when they have characteristics linked to physical-natural features themselves: or to anthropocultural nature, when the place names have characteristics focused on the culture of human being. Through toponymic studies, it is possible to verify social, cultural knowledge and other human manifestations, because, through the nominal registration of a place, people reflects their reality. Therefore, this work analyzes the toponymic motivations of physical features of 17 towns of Identity Territory 19 – Portal do Sertão in Bahia, beyond the linguistic aspects, such as the origin and the formation of place names. For that aim, the analyses of 113 toponyms were presented, pointing the quantitative of more and less expressive rates, the source language, the formation and, finally, following an entry of toponyms. The article has as theoretical and methodological base the studies proposed by DICK (1990, 1992) and other recent works about Brazilian toponymy, such as ISQUERDO (1996), CARVALHINHO (2002), among others.*

Keywords: *Toponymy; Motivation; Physical features; Identity Territory; Portal do Sertão.*

Introdução

O processo de nomeação é uma das ações humanas existente desde os primeiros relatos sobre a constituição social dos povos. Dar nomes aos objetos, aos seres vivos de uma maneira geral (animais, plantas, pessoas) é uma forma de diferenciá-los entre si e de expressar a cultura material ou imaterial por meio de palavras. Dessa forma, percebe-se que língua e sociedade são intimamente ligadas, pois é por meio da língua que o homem expressa seus desejos e suas angústias, diferencia os seres e busca expressar sua cultura no decorrer do tempo.

Através das palavras que nomeiam, definem e particularizam, os povos traduzem as particularidades de seus membros e produzem conhecimento, que utilizam o sistema linguístico como uma maneira para representar a realidade em que vivem. Dessa forma, os falantes expressam, por meio do léxico, os valores sociais, culturais, políticos e ideológicos que são compartilhados socialmente dentro de sua comunidade linguística, evidenciando, assim, a forte relação estabelecida entre povo, língua e cultura.

O processo de nomeação dos lugares não ocorre de maneira diferente. O homem busca representar a sua realidade física ou humana ao dar nomes a um lugar, seja esse o nome de um rio, lagoa e/ou fazenda, lugarejos etc. Esse processo não ocorre de maneira aleatória, muito pelo contrário, o estudo da significação e a origem dos nomes de lugares podem revelar valores, anseios, prioridades e costumes de uma sociedade.

Os topônimos que são examinados neste artigo representam um recorte dos dados constituídos para elaboração da tese de doutoramento em andamento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura na Universidade Federal da Bahia e referem-se aos acidentes físicos dos 17 municípios que compõem o Território de Identidade 19 – Portal do Sertão - BA. O aparato teórico e metodológico utilizado na pesquisa buscou apoio nos modelos dos estudos toponímicos realizados no Brasil, introduzidos por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990; 1992), a partir das influências de Dauzat (1926), assim como os trabalhos recentes de outros pesquisadores tais como Isquierdo (1996), Carvalhinho (2002), dentre outros.

A toponímia: estudo dos nomes de lugares

Ao eleger o estudo que envolve o léxico de uma língua, o pesquisador deve compreender que, além dos aspectos linguísticos, precisará se debruçar sobre os aspectos socioculturais que envolvem os falantes de uma língua, tais como a história, os valores e anseios, a perspectiva político-ideológica, dentre outros fatores. Numa perspectiva convergente, Biderman (1998, p. 12) defende que,

O léxico de uma língua natural pode ser identificado como patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Para as línguas de civilização,

esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. Os modelos formais dos signos lingüísticos preexistem, portanto, ao indivíduo. No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical.

Em outras palavras, para melhor identificar e compreender um povo, é preciso examinar o seu entorno, pois os falantes incorporam em seu sistema lexical os seus saberes, que são resultados das experiências individuais e se estendem também para uma interpretação do coletivo, porque os falantes vivem em comunidade, logo seus conhecimentos foram agregados no processo comunicativos.

Essa interpretação da realidade se mostra relevante no processo de nomeação de lugares, pois o homem, através de situações sociais, faz uso de habilidades lingüísticas para denominar os aspectos de sua realidade física ou humana. Desse modo, os nomes de lugares são “verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população” (DICK, 1990, p. 22).

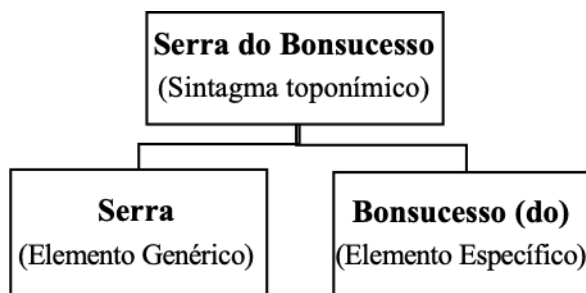
Compreende-se, pelos estudos toponímicos, que há uma aproximação do homem e o lugar, conforme as motivações designativas, pois mesmo havendo um esvaziamento do significado ou do referencial motivacional, o topônimo pode ser visto como “verdadeiro fóssil lingüístico”, já que permanece na comunidade, como forma de resgatar a memória de outrora (DICK, 1992, p. 20). Carvalhinho (2003, p. 172-173) endossa esse pensamento ao afirmar que

Os atuais estudos onomásticos no Brasil vêm justamente resgatando a história social contida nos nomes de uma determinada região, partindo da etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão, como um resgate ideológico do denominador e preservação do fundo de memória. Nesse sentido, uma área toponímica pode ser comparada a um sítio arqueológico: podemos reconstruir, através do estudo de significados cristalizados de nomes de lugar, fatos sociais desaparecidos, contribuindo com material valioso para outras disciplinas, como a história, a geografia humana e a antropologia.

Ao designar um lugar, o topônimo se junta a um elemento geográfico físico ou humano que identifica. Dessa forma, a estrutura do sintagma

toponímico é composta pelo *termo genérico* (rio, lagoa, fazenda, povoado etc.) e o *termo específico*, ou seja, o topônimo propriamente dito (DICK, 1990, p. 10). A Figura 1 exemplifica o sintagma toponímico “Serra do Bonsucesso”, que faz parte do *corpus* da pesquisa em andamento.

Figura 1: Estrutura do sintagma toponímico – topônimo Serra do Bonsucesso



Fonte: Elaboração nossa

Pautando-se nos estudos realizados sobre a toponímia francesa por Dauzat (1926) e em outros pesquisadores da toponímia, Dick (1990; 1992) apresentou um modelo de 27 taxionomias para classificação e análise toponímica, visando a uma melhor sistematização e compreensão dos nomes de lugares com base nos motivos semânticos que se adequassem à realidade brasileira. É com base nesse modelo de classificação que os dados foram analisados neste artigo, levando em consideração também outras contribuições mais recentes (ISQUERDO, 1996).

A seguir, listam-se apenas as classificações taxionômicas que ocorreram nos dados dos 113 acidentes físicos descritos no trabalho e suas características, como se observa por meio do Quadro 1.

Quadro 1: Taxionomias presentes no *corpus* (DICK, 1992, p. 31-34)

<p>Natureza física: Quando os nomes de lugares apresentam características ligadas ao próprio acidente físico</p>	Cromotopônimos	“[...] topônimos relativos à escala cromática”.
	Dimensiotopônimos	“[...] topônimos referentes às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, espessura, altura, profundidade”.
	Fitotopônimos	“[...] topônimos originados do nome de um vegetal”.

	Geomorfotopônimos	“[...] topônimos referentes às formas topográficas, elevações ou depressões do terreno”.
	Hidrotopônimos	“[...] topônimos originados de acidentes geográficos em geral - elemento água”.
	Litotopônimos	“[...] topônimos originados de minerais e os relativos à constituição do solo”.
	Zootopônimos	“[...] topônimos de índole animal”.
<p style="text-align: center;">Natureza Antropocultural</p> <p>quando os nomes de lugares apresentam características voltadas para a cultura do homem.</p>	Animotopônimos ou Nootopônimos ⁴	“[...]topônimos relativos à vida psíquica e à cultura espiritual”.
	Antropotopônimos	“[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais”.
	Axiotopônimos	“[...] topônimos que se referem aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios”.
	Cronotopônimos	“[...] topônimos que encerram indicadores cronológicos como novo/nova, velho/velha”.
	Corotopônimos	“[...] topônimos que se referem à nomes de cidades, países etc.”.
	Ecotopônimos	“[...] topônimos referentes às habitações de um modo geral”.
	Ergotopônimos	“[...] topônimos referentes aos elementos da cultura material”.
	Etnotopônimos	“[...] topônimos referentes aos elementos étnicos”.
	Hierotopônimos	“[...] topônimos referentes aos nomes sagrados, às efemeridades religiosas, aos locais de culto. Podem ser subdivididos em: -

⁴Visando ao melhor esclarecimento dos motivos semânticos, adotou-se a ampliação classificatória proposta por Isquero (1996), com a subclassificação para os *animotopônimos*, a saber: *animotopônimo eufórico*: topônimo que representa o estado anímico agradável, otimista. Ex.: Fazenda **Alegria** (AH – Coração de Maria/BA) e *animotopônimo disfórico*: topônimo que se refere à transmissão de sensação desagradável, pessimista. Ex.: **Afligidos** (AH – São Gonçalo dos Campos/BA).

		Hagiotopônimos: topônimos que se referem aos santos e santas do hagiológico romano”.
	Sociotopônimos	“[...] topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade”.
	Somatotopônimos	“[...] topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal”.

Fonte: Dick (1992)

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada para a realização do estudo partiu das seguintes etapas: delimitação da área a ser pesquisada, seleção do *corpus*, pesquisa nas cartas topográficas para a montagem do banco de dados e a análise e descrição dos topônimos. Os dados da pesquisa foram retirados das cartas topográficas, com escala de 1:100.000, elaboradas e sob a posse do SEI – Superintendência de Assuntos Econômicos da Bahia dos 17 municípios que pertencem ao Território de Identidade 19 – Portal do Sertão.

A Bahia, diferentemente do outros Estados da Federação, é dividida em 27 Territórios de Identidade, que reúnem municípios com alguns aspectos comuns, tais como as características ambientais, sociais, culturais e econômicas, além do processo de colonização, valores étnicos e identitários no mesmo território, a fim de verificar dados e traçar metas organizacionais, urbanísticas e desenvolvimento para esses espaços. Trata-se de uma divisão territorial desenvolvida pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), através do Decreto 12.354, de 26.08.2010 (BAHIA, 2012). O Território de Identidade 19 – Portal do Sertão – engloba 17 municípios, os quais apresentam dentre outras características uma formação de base rural e ligada ao comércio. São esses: Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antonio Cardoso (SIC), Conceição da Feira, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santanópolis, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio e Terra Nova.

Os dados gerais da pesquisa de doutoramento de Brandão ainda em curso totalizam 988 nomes de lugares: 113 nomeiam acidentes físicos e 875 dão nomes a acidentes humanos. Neste artigo, foram analisados os 113 topônimos que compõem os acidentes físicos a saber: 45 riachos, 34 rios, 14 lagoas, 14 serras, 4 morros, 1 córrego e 1 ribeirão. A seguir, analisam-se e discutem-se os dados e a interpretação dos resultados.

Descrição e análise dos topônimos referentes aos acidentes físicos

Nesta seção, apresenta-se a análise linguística dos 113 topônimos dos acidentes físicos, apontando o quantitativo das taxionomias mais e menos expressivas, a língua de origem, a formação. Os dados foram organizados inicialmente em planilhas, tendo como referência os elementos que compõem da ficha lexicográfico-toponímica, proposta por Dick (2004) e adaptada ao presente estudo. Para uma melhor organização, todos os topônimos são registrados em forma de verbetes, em ordenação alfabética, (Ver Apêndice). A composição dos verbetes segue a ordem de apresentação dos itens da planilha que reflete, como dito, a ficha lexicográfico-toponímica, destacando as taxionomias, de acordo com modelo de Dick (1990, p. 31-34), a língua de origem, o acidente físico que nomeia e a(s) cidade(s) de registro, o número de ocorrências, além de trazer o significado e as informações enciclopédicas, quando possível, conforme o modelo e o exemplo expostos no quadro 2, que segue.

Quadro 2: Modelo de verbeito para os topônimos de acidentes físicos dos municípios do Portal do Sertão - BA considerados na análise dos dados.

TOPÔNIMO (Elemento genérico) – Taxionomia. ▪Língua de origem < Etimologia. ▪Processo de formação. ▪Acidente que nomeia e cidade(s) de registro. ▪Número de ocorrência. ▪Significado. ▪Informação enciclopédica.

Exemplo:

AGUILHADAS (Riacho das) – Ergotopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples ▪Nomeia o riacho localizado no município de Antônio Cardoso e Feira de Santana. ▪Uma ocorrência. ▪ “Vara comprida com ferrão agudo na ponta, usada geralmente para instigar, tanger bois” (AULETE, 2006).

Fonte: Elaboração nossa

A seguir (Tabela 1), é possível verificar os valores relativos e absolutos conforme a classificação dos topônimos descritos neste trabalho.

Tabela 1: Distribuição quantitativa das taxionomias dos acidentes físicos dos municípios do Portal do Sertão - BA.

Taxionomias	Valor Absoluto	Valor Relativo
Zootopônimos	20	17,7%
Fitotopônimos	16	14,2%
Ergotopônimos	14	12,4%
Hidrotopônimos	11	9,7%
Litotopônimos	10	8,8%
Geomorfotopônimos	8	7,1%
Animotopônimos Eufóricos	5	4,4%
Antropotopônimos	3	2,7%
Axiotopônimos	3	2,7%
Ergotopônimos/Hidrotopônimos	3	2,7%
Cromotopônimos	3	2,7%
Outros	12	10,6%
Não classificados	5	4,4%
Total	113	100,0%

Fonte: Elaboração nossa

Dos topônimos analisados quanto à classificação taxionômica, os mais expressivos foram os classificados como *zootopônimos*, totalizando 17,7% dos dados. Em seguida, aparecem os *fitotopônimos* com 14,2%, logo depois, os topônimos classificados como *ergotopônimos* perfazem 12,4% dos dados.

É possível observar, por meio da maior frequência, que o homem tem preferência em nominar os lugares físicos com referenciais que representam seu entorno, tais como os animais, a vegetação, bem como a presença ou ausência das águas, como já era de esperar desde o tempo dos aborígenes. O interessante nesses dados é a presença dos elementos materiais, produzidos pelo homem (*ergotopônimos*), figurando entre as três primeiras posições

quanto à expressividade na nomenclatura dos acidentes físicos, confirmando a importância da cultura como forma de representar o *topos*.

É importante ressaltar a presença do elemento “água”, que marca os *hidrotopônimos*, com 9,7% dos dados, quarta taxionomia mais frequente na amostra. Conforme Dick (1990), os topônimos de origem indígena, que apresentam a lexia tupi *y*, com suas variações vernacularizadas em *i* ou *u*, significando água ou rio, só receberam a classificação hidrotponímica quando apareceram em posição sintagmática inicial, como em Pojuca - de *Ypó + juca*. Então, outros topônimos com a presença da lexia tupi *y* na posição final indicarão “uma origem associativa, de índole exterior à sua própria natureza”, logo “o conteúdo semântico que reflete liga-se ou a um fato de origem mineral ou animal ou vegetal” (DICK, 1990, p. 231), como por exemplo, Curumutai, do tupi *Curumatã + y* = rio do curamatá (peixe de água doce, de carne tenra, mas com gosto de lodo, que vive em lagoas estagnadas), que recebe a classificação de *zootopônimo*.

Os *litotopônimos*, os *geomorfotopônimos* e os *animotopônimos eufóricos* aparecem, respectivamente, com 8,8%, 7,1% e 4,4% dos dados. Com uma expressividade menor, aparecem em 2,7% dos dados os *antropotopônimos*, os *axiotopônimos*, os *ergotopônimos/hidrotopônimos*, e os *cromotopônimos*.

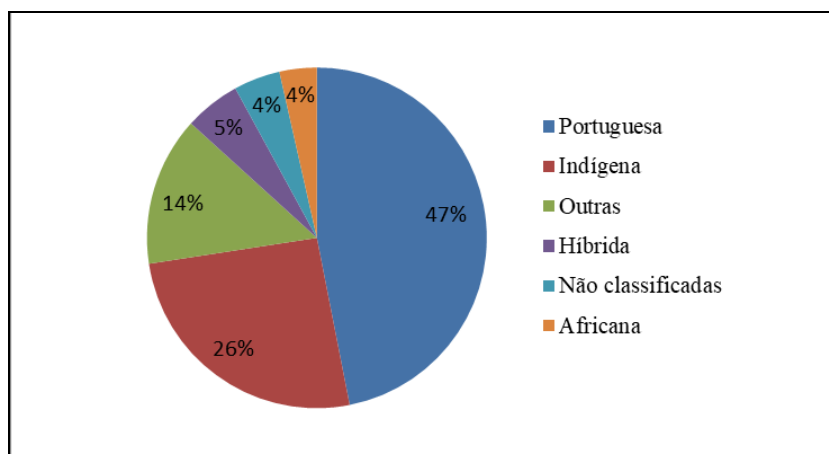
Na categoria “Outros”, com 10,6% dos dados, encontram-se reunidas as taxionomias dos topônimos que tiveram baixa ocorrência, tais como os *etnotopônimos* e os *sociotopônimos*, com dois topônimos cada um, perfazendo 1,8% dos dados analisados. Em seguida, aparecem o *corotopônimo*, o *dimensiotopônimo*, o *ecotopônimo*, o *hagiotopônimo*, o *hierotopônimo*, o *cronotopônimo*, *somatotopônimo* e o *ergotopônimo/animotopônimo eufórico*, totalizando 0,9% dos dados, pois possuem apenas um topônimo de cada.

Em alguns casos, optou-se por deixar as duas classificações possíveis, como foram os casos dos topônimos *Cabuçu* (*zootopônimo/fitotopônimo*), *Faceira* (*animotopônimo/somatotopônimo*) e *Saco, Tanquinho e Tanque do Guigá* (*ergotopônimo/hidrotopônimo*), visto que ambos apresentam mais de um significado, conforme pode ser verificado na lista de topônimos (Ver Apêndice). Alguns topônimos como *Camboranga, Cungu, Lassu, Murutuba* e

Pirixi, ainda não classificados quanto à taxionomia em virtude de não estarem dicionarizados, totalizaram 4,4% dos dados.

Após a classificação taxionômica dos topônimos, buscou-se verificar a língua de origem de cada item lexical, tal como mostra o Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1: Língua de origem dos topônimos de natureza física dos municípios do Portal do Sertão - BA



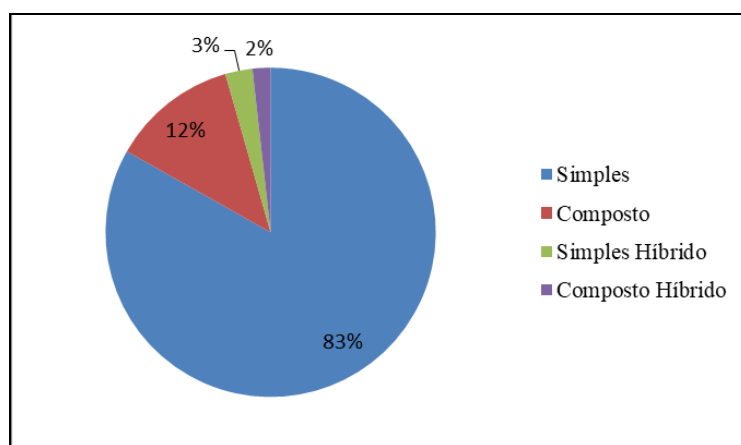
Fonte: Elaboração nossa

Como é possível observar no Gráfico 1, os topônimos que compuseram o *corpus* deste estudo são predominantemente vocábulos de língua portuguesa, perfazendo 47% dos dados, seguida dos vocábulos de origem indígena, com 26% dos dados. Um fato importante a observar é a baixa frequência das línguas africanas, apenas 4% dos dados, em vista do apagamento da presença dos africanos e sua cultura nos diversos âmbitos da sociedade. Na nominação dos lugares, essa ausência ou baixa presença é muito recorrente e isso se dá também pela escravização dos povos africanos ocorrer mais tardiamente em relação ao processo de alastramento dos espaços físicos, por isso a presença dos nomes de origem africana é maior, mesmo que de forma tímida, na nomeação de acidentes humanos.

Ainda observando o gráfico 1, foram reunidas na categoria “Outras”, com 14% dos casos, as presenças de outras línguas como, por exemplo, árabe, alemão, castelhano, origem obscura etc. Os nomes híbridos, com 5% dos dados, têm a composição do termo específico do sintagma toponímico formada por palavras de línguas diferentes. Houve também os casos dos topônimos sem classificação quanto à origem, perfazendo 4% dos casos.

Com relação à formação, os topônimos foram inseridos nas categorias de: *nomes simples*, *nomes simples híbridos*, *nomes compostos* e *nomes compostos híbridos*. Na constituição da estrutura dos topônimos, é expressiva a formação de nomes simples, conforme observado a seguir, por meio do Gráfico 2:

Gráfico 2: Formação dos topônimos de acidentes físicos dos municípios do Portal do Sertão - BA



Fonte: Elaboração nossa

Como podemos observar na representação do Gráfico 2, quanto à formação dos topônimos é mais significativa a presença de nomes simples, perfazendo um total de 86% dos dados (83% de simples em língua portuguesa e 3% de simples híbridos). Desses nomes simples, há os formados por base lexical de outra língua + sufixo português (simples híbridos), como: indígena + sufixo português: *Cajueiro*, *Ingazeira*; árabe + sufixo português: *Laranjeira*. Os topônimos de formação composta perfazem o quantitativo de 14% dos dados (12% de compostos em língua portuguesa e 2% compostos híbridos). No que se refere aos compostos híbridos, em número de dois, observou-se que a combinação se deu da seguinte forma: português + indígena: *Tanque do Guiguá*; ou indígena + francês: *Toca da Onça*.

Considerações finais

Conforme foi possível observar, ao longo deste trabalho, os estudos toponímicos são de suma importância para o conhecimento, a recuperação e a

manutenção da história e da cultura de um povo, pois se pode registrar os diversos aspectos socioculturais da comunidade por meio da sua toponímia.

Com a análise dos dados, confirmou-se que os topônimos que nomeiam os acidentes físicos do Território de Identidade 19 – Portal do Sertão – receberam forte influência dos elementos naturais, como água, flora, fauna etc., revelando a importância desses elementos para o homem no ato de nomeação. Outro ponto importante é a grande abundância de nomes de origem portuguesa, assim como a quantidade relevante de nomes de origem indígena, o que evidencia ainda a manutenção das línguas nativas, principalmente do tupi, por meio dos topônimos.

A constituição do Apêndice que vem apresentado após as referências bibliográficas utilizadas objetiva fornecer ao leitor o conjunto dos dados analisados e as possíveis aberturas para novos estudos comparativos sobre a toponímia no Estado da Bahia e do Brasil. Por fim, ressalta-se que os topônimos não classificados quanto à taxionomia (4,4%) e à língua de origem (4%) ainda continuam sendo pesquisados em dicionários e informações enciclopédicas para que sejam elucidadas as significações da unidade lexical na língua que foi investida de função toponímica.

Referências

AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Aulete Digital**: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2006. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BAHIA. Decreto n. 12354 de 25 de agosto de 2010. Institui o Programa de Territórios de Identidade e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado**, 26 de agosto, 2010. Disponível em: <<http://dovirtual.ba.gov.br/egba/reader2/>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo/USP, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP2/Biderman1998.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2019.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota da Silveira. **O léxico rural**: glossário, comentários. Salvador: EDUFBA, 2000.

CARVALHINHOS, Patrícia. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). **Revista USP**, São

Paulo/USP, n. 56, p. 172-179, 2003. Disponível em:<

<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33819>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

CONSÓRCIO PCJ. **Glossário de termos técnicos em gestão de recursos**

hídricos. 3. Ed. São Paulo: Consórcio PCJ, 2005. Disponível em:

<<https://agua.org.br/biblioteca/glossario-de-termos-tecnicos-1a-edicao/>> Acesso em: 30 junho 2020.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Assistentes Cláudio Mello Sobrinho... [et al.]. 3. ed. 2. imp. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 4ª ed.. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

DAUZAT, Albert. **Les noms de lieux**. Paris: Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônios e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In.: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIRGER, Maria das Graças (Org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. V. II. Campo Grande: EdUFMS, 2004, p. 121-130.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GREGÓRIO, Irmão José. **Contribuição indígena ao Brasil**. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88835_v2.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. 1996, 420 f. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 1996.

MANSUR GUÉRIOS, Rosario Farani. **Nomes e Sobrenomes**. São Paulo: Ave-Maria Editora, 1981.

OLIVEIRA, Cêurio de. **Dicionário cartográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Falares Africanos na Bahia: um Vocabulário Afro-Brasileiro.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

RAMOS, Ricardo T. **Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança.** 2008. 3 v. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, UFBA/ PPGLL, Salvador, 2008.

SILVA, António de Moraes, 1755-1824. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau / reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro.** - Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <<http://purl.pt/29264>>. Acesso em: 8 ago. 2020.

SISTEMA ELETRÔNICO DE INFORMAÇÕES. SEI. **Folhas topográficas e planimétricas.** IBGE/SEI, 2007. Escala 1:100.000. Disponível em: <http://mapas.sei.ba.gov.br/mapas_site/publico/mapas_municipais.wsp>. Acesso em: 31 jul. 2020.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Vocabulário Tupi-Guarani Português.** São Paulo: Éfeta, 1998.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi.** São Paulo: Traço Editora, 1985.

APÊNDICE

VERBETES DOS TOPÔNIMOS QUE NOMEIAM ACIDENTES FÍSICOS DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE 19 – PORTAL DO SERTÃO – BAHIA

AGUILHADAS (Riacho da) – Ergotopônimo. •Português < latim. •Nome simples. •Nome de um riacho localizado no município de Antônio Cardoso e Feira de Santana. • Uma ocorrência. • “Vara comprida com ferrão agudo na ponta, usada geralmente para instigar, tanger bois” (AULETE, 2006).

ALGODÃO (Morro do) – Fitotopônimo. •Árabe •Nome simples. •Nome de um o morro localizado no município de Tanquinho •Uma ocorrência. • “Felpa ou penugem vegetal que rodela as sementes do algodoeiro. E longa, fina e sedosa, de cor branca, amarelada ou avermelhada, e colhe-se no momento em que os casulos que encerram a semente, estando bem maduros, se entreabrem para deixar cair”. (AULETE, 2006)

B

BAIXA DO MEIO (Riacho) – Geomorfotopônimo. •Português <latim •Nome composto. •Nome de um riacho que corta o município de Santanópolis. •Uma ocorrência. •“Lugar baixo em relação a outro mais alto, contíguo”. (OLIVEIRA, 1993); “Ocorrência em áreas rurais de algumas Unidades da Federação, como Bahia, Maranhão, Minas Gerais e Rio Grande do

Norte. Caracteriza-se por depressões do terreno ou fundo de vales, com regime hidrológico intermitente, com pouca declividade. A baixa alaga na época das chuvas e normalmente se liga com a rede hidrográfica local” (IBGE, 2015).

BARÃO (Lagoa do) – Axiotopônimo. •Germânico. •Nome simples. ▪ Nome de uma lagoa localizada no município de Conceição da Feira •Uma ocorrência. ▪ “Título de nobreza” (CUNHA, 2007).

BARGADA (Riacho) – Somatotopônimo. •Português < latim •Nome simples. ▪ Nome de um riacho localizado no município de Ipecaetá. •Uma ocorrência ▪ “Veia das pernas do cavallo pela parte de dentro, do joelho para cima. Outros dizem Bragadas”. (SILVA, 1789)

BARQUEIRO (Rio) – Ergotopônimo. •Português < latim. ▪ •Nome simples. Nome de um rio localizado no município de Santanópolis. •Uma ocorrência. ▪ “Relativo a barco, talvez que transite barco” (CUNHA, 2007).

BASTIÃO (Serra do) – Antropotopônimo. •Português •Nome simples. •Nome de uma serra localizada no município de Ipecaetá. •Uma ocorrência. ▪ “Abreviatura de linguagem carinhosa para Sebastião” (MANSUR-GUÉRIOS, 1981).

BENFICA (Rio) – Animotopônimo Eufórico. •Português •Nome composto. •Nome de um rio localizado no município de Teodoro Sampaio. •Uma ocorrência.

BENTO (Riacho do) – Antropotopônimo. ▪ Português •Nome simples. •Nome de um riacho que está localizado no município de São Gonçalo dos Campos. •Uma ocorrência. ▪ “Forma popular portuguesa de Benedito. Forma arcaica ‘Bêeito > Bêeto” (MANSUR-GUÉRIOS, 1981)

BONSUCESO (Serra do) – Animotopônimo Eufórico. •Português •Nome composto. •Nome de uma serra localizada no município de Ipecaetá. •Uma ocorrência.

BOQUEIRÃO (Morro do) – Geomorfotopônimo. •Português < latim •Nome simples. •Nome de um morro localizado no município de Tanquinho. •Uma ocorrência. •Abertura escarpada numa serra, por onde corre um rio ou foz de um rio. (OLIVEIRA, 1993) ▪ “Termo regional utilizado na Região Nordeste para as aberturas ou gargantas estreitas, cortadas, por vezes, em serras, por onde passa um rio” (IBGE, 2015).

BREJO (Riacho do) – Litopônimo. ▪ Português < Origem controversa. •Nome simples. •Nome de um riacho que passa pelo município de Irará. •Uma ocorrência. ▪ “Local onde um rio transborda durante as chuvas, criando uma área propícia, pântano. Terreno normalmente planificado, pantanoso, encharcado, com ocorrências nas cabeceiras dos rios, ou a partir do

transbordamento dos mesmos” (IBGE, 2015).

C

CABANO (Riacho) – Zootopônimo. ▪Português < Origem obscura ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho que passa pelo município de Antonio Cardoso. ▪Uma ocorrência. ▪Nome do “bovino que tem os chifres inclinados para baixo ou em posição horizontal”. (AULETE, 2006)

CABUÇU (Rio) –Zootopônimo/Fitotopônimo. ▪Indígena (Do tupi-guarani, de ‘caba + açu, uç’). ▪Nome simples. ▪Nome do rio que passa pelo município de Amélia Rodrigues (Rio Cabuçu). ▪Uma ocorrência. ▪ “Cabaçu ou Cabuçu – significa ‘capuxu, espécie de vespa grande’; ‘a forma cabuçu é também nome de arbusto da família das Poligonáceas (coccolobis), de raiz medicinal, chamado de guajabara ou guajuvira” (GREGÓRIO, 1980).

CAINANA (Riacho) – Zootopônimo. ▪Indígena (Do tupi ‘acanga + nhinana’). ▪Nome simples. ▪Nomeia o riacho que corta o município de Antonio Cardoso e Ipecaetá. ▪Uma ocorrência. ▪ “Cainana é o nome popular de Caninana, uma espécie de cobra” (GREGÓRIO, 1980)

CAJUEIRO (Riacho) – Fitotopônimo. ▪Indígena (Do tupi ‘aka’iu’) ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho no município de Santanópolis. ▪Uma ocorrência. ▪ “Planta da família da *Anacardium occidentale*” (CUNHA, 2007).

CALANDRO (Riacho do) – Zootopônimo. ▪ Africana (Do banto). ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho, que corta os municípios de Santa Bárbara, Tanquinho e Feira de Santana. ▪ “Talvez uma variação de Calangro, do banto, o mesmo que calango: lagarto. ▪Espécie de cotovia” (PESSOA DE CASTRO, 2001).

CAMARUGIPE (Rio) – Zootopônimo. ▪Indígena (Do tupi ‘caá + g’y +be’). ▪Nome simples. ▪Nome de um rio que corta os municípios de Teodoro Sampaio e Terra Nova. ▪Uma ocorrência. ▪ “No rio dos camarás” (GREGÓRIO, 1980)

CAMBOATÁ (Rio) – Zootopônimo. ▪Indígena (Do tupi ‘kamua’ta’). [Var. camuatá] ▪Nome simples. ▪Nome de um rio que passa pelo município de Santo Estevão. ▪Uma ocorrência. ▪ “Espécie de peixe da família dos loricarídeos” (CUNHA, 1999)

CAMBORANGA (Serra do) – Não classificado. Não encontrado. ▪Nome simples. ▪Nome de uma serra que fica localizada no município de Ipecaetá (Serra do Camboranga). ▪Uma ocorrência.

CAMISA (Lagoa da) – Ergotopônimo. ▪ Português < latim. ▪Nome da Lagoa localizada no município de Feira de Santana. ▪Uma ocorrência. ▪ “Peça do vestuário que cobre o tronco” (CUNHA, 2007).

CANABRAVA (Rio) – Fitotopônimo. •Português. •Nome composto. •Nome de um rio que passa pelo município de Teodoro Sampaio e Terra Nova. •Uma ocorrência. • “Planta marantácea, o mesmo que urubá-de-caboclo. •Planta anonácea. o mesmo que ubá”. (AULETE, 2006)

CAVACO (Ribeirão do) – Ergotopônimo. •Português < latim •Nome simples. •Nome de um ribeirão, localizado nos municípios de Antonio Cardoso, Anguera, Feira de Santana. •Uma ocorrência. • “Estilha ou lasca de madeira” (CUNHA, 2007).

CAVALO (Morro do) – Zootopônimo. •Português < latim. •Nome simples. •Nomeia o morro no município de Tanquinho (Bahia). •Uma ocorrência. • “Animal mamífero dos ordem dos perissodáctilos” (CUNHA, 2007).

CEDRO (Riacho do) – Fitotopônimo •Português < latim. •Nome simples. •Nomeia um riacho, localizado em Santa Bárbara. •Uma ocorrência. • “Designação comum a diversas árvores pináceas, meliáceas e lauráceas, de grande porte, cuja madeira é própria para marcenaria, escultura etc” (AULETE, 2006)

CIPO (Riacho do/Serra do) – Fitotopônimo • Indígena (do tupi “aka’iu”). •Nome simples. •Nome de um riacho e uma serra em Santo Estevão e Ipecaetá, respectivamente. •Duas ocorrências. • “Nome genérico das plantas trepadeiras que pendem das árvores ou nelas enroscam; vara, chicote” (AULETE, 2006)

CONDE (Rio do) – Axiotopônimo. • Portuguesa < latim. •Nome simples. •Nome de um rio em Santo Estevão. •Uma ocorrência. •Título de nobreza (CUNHA, 2007).

CONGO (Serra do) – Etnotopônimo. •Africana (banto). •Nome simples. •Nome de uma serra em Ipecaetá. •Uma ocorrência. • “Toque especialmente para Congombira, Dandalunda e Roxomucumbe; Nação-de-candomblé cuja terminologia religiosa é de base essencialmente banto; Designação dada ao africano bacongo proveniente do reino do Congo, nas atuais repúblicas do Congo-Kinshasa e do Congo-Brazzaville”. (PESSOA DE CASTRO, 2001)

CUNGU (Riacho) – Não classificado. Não encontrado. •Nome simples. •Nome de um riacho que passa pelo município de Feira de Santana. •Uma ocorrência.

CURIMATAÍ (Rio) – Zootopônimo. •Indígena (Do Tupi ‘*Curumatã* +y’). •Nome simples. • Nome de um rio que corta os municípios de Santo Estevão, Ipecaetá e Antonio Cardoso. •Uma ocorrência • “Rio do curamatá (peixe de água doce, de carne tenra, mas com gosto de lodo, que vive em lagoas estagnadas). Variação de *Curimatã*, *curimatá*, *quirymbatá* (guarani), *corumbatá*.” (GREGÓRIO, 1980)

F

FACEIRA (Riacho da) – Animotopônimo Eufórico/Somatotopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho que passa pelos municípios de São Gonçalo dos Campos e Feira de Santana. ▪Uma ocorrência ▪“A queixada, a carne das faces dos bois”, “mulher afetada, dengosa” (AULETE, 2006).

FLORES (Riacho das) – Fitotopônimo. ▪ Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho que passa pelo município de Ipecaetá. ▪Uma ocorrência ▪ “Qualquer planta cultivada por suas flores” (AULETE, 2006).

FORMIGAS (Riacho das) – Zootopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho que passa pelo município de Ipecaetá. ▪Uma ocorrência. ▪ “Insetos himenópteros da família dos formicarídeos” (CUNHA, 2007).

FRIO (Rio) – Animotopônimo Eufórico. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪ Nome de um rio que passa no município de Terra Nova. ▪Uma ocorrência. ▪“Que cedeu ao calor, baixa temperatura” (AULETE, 2006)

FUNDO (Riacho) – Dimensiotopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho no município de Ipecaetá. ▪Uma ocorrência. ▪“Que tem profundidade. A parte mais profunda duma extensão de água” (OLIVEIRA, 1993)

G

GAMELA (Riacho da) – Ergotopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho que passa no município de Teodoro Sampaio. ▪Uma ocorrência. ▪“Tipo de vaso usado para beber” (CUNHA, 2007).

GAMELEIRA (Serra da) – Fitotopônimo. ▪Português < latim ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho em Anguera (Riacho da Gameleira) e uma serra em Ipecaetá. ▪Duas ocorrênciass. ▪ “Nome de várias árvores da família das moráceas, espécie do gênero Ficus, algumas muito grandes e cuja madeira, de qualidade inferior, é usada na fabricação de gamelas e outros objetos; Também conhecida como FIGUEIRA-BRAVA” (AULETE, 2006).

GUARIBA (Serra do) – Zootopônimo. ▪Indígena (Do tupi 'ua'riua'). ▪Nome simples. ▪Nome de uma serra no município de Anguera ▪Uma ocorrência. ▪ “Macacos da família dos cebídeos” (CUNHA, 2007)

I

INGAÍ (Riacho) – Fitotopônimo. ▪Indígena (Do tupi 'ingá +y') ▪Nome simples. ▪ Nome de um riacho que atravessa os municípios de Conceição da Feira e São Gonçalo dos Campos. ▪Uma ocorrência. ▪ “Rio do ingá” (GREGÓRIO, 1980)

INGAZEIRA (Rio) – Fitotopônimo ▪ Indígena (Do tupi "i'na"). ▪Nome simples. ▪Nome de

um rio que divide os municípios de Coração de Maria e Teodoro Sampaio. ▪Uma ocorrência. ▪ “Nome comum a diversas plantas da família das leguminosas, subfamília das mimosáceas, gênero Inga; ingazeira, ingazeiro” (CUNHA, 2007)

INHAMBUPE (Rio) – Zootopônimo. ▪Indígena. (Do tupi 'inambu + peba, pe'). ▪Nome simples. ▪Nome de um rio no município de Água Fria. ▪Uma ocorrência. ▪ “Inambu do mato, aves do tipo perdiz”. (GREGÓRIO, 1980)

J

JACUÍPE (Rio) – Zootopônimo. ▪Indígena (Do tupi 'jacu + y + pe'). ▪Nome simples. ▪ Nome de um rio, o Jacuípe atravessa 37 municípios, dentre eles: Conceição do Jacuípe, Amélia Rodrigues, Terra Nova, São Gonçalo dos Campos e Feira de Santana. Ele nasce em Morro do Chapéu e desemboca no Paraguaçu. ▪Uma ocorrência. ▪ Segundo Teodoro Sampaio, “Jacuipe” significa “No rio dos jacús (ave da família dos crocídeos)” (GREGÓRIO, 1980)

JUNCO (Riacho do) – Fitotopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho no município de Santo Estevão. ▪Uma ocorrência. ▪ “Nome comum de diversas plantas herbáceas” (CUNHA, 2007).

L

LAJE (Riacho da) – Litotopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho que passa pelo município de Ipecaetá. ▪Uma ocorrência. ▪ “Local ou terreno coberto por pedras mais ou menos planas”. (OLIVEIRA, 1993)

LAMA (Riacho da) – Litotopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho que passa pelo município de Anguera. ▪Uma ocorrência. ▪ Mistura de argila e água, lodo.

LARANJEIRAS (Riacho das) – Fitotopônimo. ▪Árabe ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho que passa pelo município de Antonio Cardoso. ▪Uma ocorrência. ▪ “Planta da família das rutáceas” (CUNHA, 2007).

LASSU (Lagoa do) - Não classificado. ▪ Não identificada ▪Nome simples. ▪Nome de uma lagoa localizada no município de Teodoro Sampaio (Lagoa do Lassu). ▪Uma ocorrência.

M

MACHADO (Rio do) – Ergotopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de um rio que passa no município de Água Fria (Rio do Machado). ▪Uma ocorrência. ▪ “Instrumento cortante, encabodnh., usado para cortar” (CUNHA, 2007).

MARTINS RIBEIRO (Córrego) – Antropotopônimo. ▪Português ▪Nome composto. ▪Nome de um córrego localizado no município de Amélia Rodrigues. ▪Uma ocorrência.

MANTEIGA (Riacho da) – Ergotopônimo. •Português. •Nome simples. •Nome de um córrego no município de Ipecaetá •Uma ocorrência. ▪ “Substância gorda e alimentícia que se extrai da nata do leite” (CUNHA, 2007).

MATA (Serra da) – Fitotopônimo. •Português < latim. •Nome simples. •Nome de uma serra em Antonio Cardoso. •Uma ocorrência. ▪ “Bosque, selva, onde nascem árvores silvestre” (CUNHA, 2007).

MOCÓ (Raicho do) – Zootopônimo. •Indígena (Do tupi 'mo'ko'). •Nome simples. •Nome de um riacho que banha o município de Feira de Santana. •Uma ocorrência. ▪ “Mamífero roedor da família dos cavídeos” (CUNHA, 2007).

MOMBASA (Serra do) – Corotopônimo. •Africano (Do banto). •Nome simples. •Nome de uma serra que está localizada no município de Tanquinho (Serra do Mombasa). •Uma ocorrência. ▪ “Nome do Porto e localidade na costa oriental africana, hoje pertencente a Quênia. •Variação de 'Mombaça' do banto”. (PESSOA DE CASTRO, 2001)

MORRO (Lagoa do) – Geomorfotopônimo. •Português < Origem incerta. •Nome simples. ▪ Nome de uma lagoa localizada no município de Feira de Santana (Lagoa do Morro). •Uma ocorrência. ▪ “Monte pouco elevado. O mesmo que cerro”. (OLIVEIRA, 1993)

MURUTUBA (Riacho) – Não classificado. •Não identificada •Nome simples. •Nome de um riacho localizado no município de São Gonçalo dos Campos (Riacho Murutuba) •Uma ocorrência.

MUSSUCA (Riacho) – Geomorfotopônimos. •Portuguesa. •Nome simples. •Nome de um riacho localizado no município de Feira de Santana (Riacho Mussuca). •Uma ocorrência. ▪ “Termo usado em Sergipe e Bahia para ‘cova para semear’” (CARDOSO; FERREIRA, 2000)

O

OLHO D’ÁGUA (Morro) – Hidrotopônimo. •Português. •Nome composto. •Nome de um morro situado no município de Tanquinho. •Uma ocorrência. ▪ “Nascente que surge no solo” (OLIVEIRA, 1993).

P

PAGÃO (Riacho do) – Hierotopônimo. •Português < latim. •Nome simples. •Nome de um riacho que passa pela cidade de Feira de Santana (Riacho do Pagão). •Uma ocorrência. ▪ “Relativo ao outro ou ao próprio do indivíduo que não foi batizado” (CUNHA, 2007).

PARACATU (Rio) – Hidrotopônimo. ▪ Indígena (Do tupi 'pará + catu') •Nome simples. •Nome de um rio que passava pelo município de Água Fria. •Uma ocorrência. ▪“Paracatu

significa rio bom (Pará 'rio', catú 'bom')" (SILVEIRA BUENO, 1998)

PARAGUAÇU (Rio) – Hidrotopônimo ▪ Indígena (Do tupi-guarani "*pará + guaçu*").
▪Nome simples. ▪Nome de um rio que marca os limites dos municípios de Santo Estevão, Conceição da Feira e Antonio Cardoso. ▪Uma ocorrência. ▪ “O Rio Paraguaçu é o “maior rio genuinamente baiano. Seu nome Paraguaçu é de origem indígena e significa "água grande, mar grande, grande rio. Nasce no Morro do Ouro, Serra do Cocal, município de Barra da Estiva, Chapada Diamantina, segue em direção norte passando pelos municípios de Ibicoara, Mucugê e até cerca de 5km a jusante da cidade de Andaraí, quando recebe o rio Santo Antônio. Muda de direção em seu curso para oeste e leste, servindo como divisor entre os municípios de Itaeté, Boa Vista do Tupim, Marcionílio Souza, Itaberaba, Iaçú, Argoim, Santa Teresinha, Antônio Cardoso, Castro Alves, Santo Estevão, Cruz das Almas, Governador Mangabeira, Cabaceiras do Paraguaçu, Conceição da Feira, Muritiba de São Félix, e as cidades de São Felix de Cachoeira e Maragogipe desemboca na Baía de Todos os Santos entre os municípios de Maragogipe e Saubara”. Disponível em: <http://www.ceama.mpba.mp.br/sobre-o-nurp/o-rio-paraguacu.html> ▪ “Calda grande” (tupi) ou “alto-mar, maré alta” (guarani). Já Tibiriça (1985), “a grafia como *pará-guassu* (rio grande, caudeloso)”. (GREGÓRIO, 1980).

PARAMIRIM (Rio) – Hidrotopônimo. ▪Indígena (Do tupi '*para + mirim*'). ▪Nome simples. ▪Nome de um rio, que limita os municípios de Coração de Maria e Irará. ▪Uma ocorrência. ▪ “Rio pequeno, braço de rio, canal; nome de rio na Bahia, afluente na margem direita do São Francisco; nome de cidade na Bahia, Zona da Serra Geral, antiga Água Quente” (GREGÓRIO, 1980, p. 1007)

PARATIGI (Rio) – Zootopônimo. ▪Indígena (Do tupi *Parati + j'y*). ▪Nome simples. ▪Nome de um rio que limita os municípios de Santo Estevão e Ipecaetá. ▪Uma ocorrência. ▪ “No rio das tainhas” (GREGÓRIO, 1980).

PEDRAS (Riacho das) – Litotopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho que banha os municípios de Santo Estevão, Amélia Rodrigues e Terra Nova (Riacho das Pedras). ▪Uma ocorrência. ▪ “Rocha, rochedo”. (OLIVEIRA, 1993)

PEIXE (Rio do) – Zootopônimo ▪ Português < latim ▪Nome simples. ▪Nome de um rio que corta os municípios de Tanquinho e Feira de Santana. ▪Uma ocorrência. ▪ “Denominação comum aos animais vertebrados aquáticos, geralmente ovíparos e de respiração branquial, com esqueleto ósseo ou cartilaginoso, providos de nadadeiras e pele geralmente coberta de escamas” (CUNHA, 2007).

PINDOBA (Riacho) – Fitotopônimo. ▪Indígena (Do tupi "*pi'noua*"). ▪Nome simples. ▪Nome de um riacho que passa pelo município de Conceição da Feira. ▪Uma ocorrência. ▪ “Nome comum a diversas espécies de palmeiras, esp. do gênero *Attalea*, de cujas sementes se

extraí óleo” (AULETE, 2006); “Pindoba ou pindó (guarani) + oba = palma, palmeira” (GREGÓRIO, 1980)

PINTOS (Lagoa dos) – Zootopônimo. •Português < latim •Nome simples. •Nome de uma lagoa localizada no município de Feira de Santana. •Uma ocorrência. • “Filhote de galinha ainda novo” (CUNHA, 2007).

PIRRIXI (Lagoa) - Não classificado. •Não identificada •Nome simples. •Nomeia uma lagoa no município de Feira de Santana. •Uma ocorrência.

PITANGA (Rio)– Fitotopônimo. •Indígena (Do tupi "*pi'tanga*") •Nome simples. •Nome de um rio que limita os municípios de Terra Nova e Teodoro Sampaio. •Uma ocorrência. • “Fruto da pintangueira, no tupi significa ‘avermelhado’” (AULETE, 2006)

POÇO DAS ANTAS (Riacho das) – Hidrotopônimo. •Português < latim. •Nome composto. •Nome de um riacho, localizado no município de Santanópolis. •Uma ocorrência. • “Profunda cavidade aberta no terreno até o lençol d’água. Cavidade aquífera, geralmente natural”. (OLIVEIRA, 1993)

POÇO DAS PEDRAS (Riacho das) – Hidrotopônimo. •Português < latim. •Nome composto. •Nome de um riacho, localizado no município de Santanópolis. •Uma ocorrência. • “Profunda cavidade aberta no terreno até o lençol d’água. Cavidade aquífera, geralmente natural”. (OLIVEIRA, 1993)

POÇOS (Rio dos) – Hidrotopônimo. •Português < latim. •Nome simples. •Nome de um rio, localizado no município de Água Fria. •Uma ocorrência. • “Profunda cavidade aberta no terreno até o lençol d’água. Cavidade aquífera, geralmente natural”. (OLIVEIRA, 1993)

POJUCA (Rio) – Hidrotopônimo. •Indígena (Do tupi *Ypó + juca*) •Nome simples. •Nome de um rio que passa ou limita os municípios de Teodoro Sampaio, Santa Bárbara, Coração de Maria, Terra Nova, Feira de Santana e Conceição do Jacuípe. •Uma ocorrência. •Segundo Gregório (1980), significa “alagado podre, brejo, pântano”. (O mesmo que *ipojuca*) (GREGÓRIO, 1980) Tibiriça (1958), aponta que o topônimo pode apresentar duas interpretações: a) *apó-juca*, raiz pobre; b) *ypu-juca*, fonte d’água podre, fonte não potável. (TIBIRIÇÁ, 1985)

POLVARINHO (Serra do) – Ergotopônimo. •Castelhano. •Nome simples. •Nome de uma serra que está localizada no município de Tanquinho (Serra do Polvarinho) •Uma ocorrência • “Trata-se de um utensílio onde se guarda ou leva para a caça a pólvora”. (AULETE, 2006)

PRENSAS (Rio das) – Ergotopônimo. •Português < latim. •Nome simples. •Nome de um rio que banha o município de Santa Bárbara. •Uma ocorrência. • “Máquina de comprimir,

apertar” (CUNHA, 2007).

PRETO (Rio/Riacho) – Cromotopônimo. ▪Português < latim ▪Nome simples. ▪Nome de um rio e um riacho, localizados respectivamente nos municípios de São Gonçalo dos Campos e Santa Bárbara. ▪Duas ocorrências. ▪De cor escura.

PURUCA (Riacho) – Ergotopônimo ▪ Indígena (Do tupi *po'ruka*) ▪Nome simples. ▪ Nome de um riacho que passa pela cidade de Santa Bárbara. ▪Uma ocorrência. ▪ “Peneira que se escolhe o café em grão”. (AULETE, 2006)

Q

QUINDOMBA (Lagoa do) – Ergotopônimo. ▪Africana (Do quimbundo) ▪Nome simples. ▪Nome de uma lagoa localizada no município de Feira de Santana. ▪Uma ocorrência. ▪ “Penteado puxado para o alto ou cabelo comprido e farto” (HOUAISS, 2001)

R

RECREIO (Serra do) – Sociotopônimo. ▪Português < latim ▪Nome simples. ▪Nome de uma serra localizada no município de Anguera. ▪Uma ocorrência ▪ “O mesmo que recreação, momento de brincadeiras” (CUNHA, 2007).

RETIRO (Serra do) – Sociotopônimo. ▪Português < Origem desconhecida. ▪Nome simples. ▪Nome de uma serra localizada no município de Anguera. ▪Uma ocorrência ▪ “Lugar isolado e/ou tranquilo, propício a descanso, meditação etc. /Fazenda onde há gado só numa parte do ano”. (AULETE, 2006) ▪ “Termo regional utilizado na Região Norte, equivalente a sítio (vide), sem alteração conceitual significativa” (IBGE, 2015).

S

SACO (Rio do) – Hidrotopônimo /Ergotopônimo ▪ Português < latim ▪Nome simples. ▪Nome de um rio que passa pelo município de Conceição da Feira. ▪Uma ocorrência ▪ “Pequena enseada ou também recipiente de papel, pano, couro ou material plástico, aberto em um dos lados, us. para transportar ou acondicionar coisas”. (AULETE, 2006) ▪ “Termo descritivo usado para designar certo tipo de reentrância do litoral, caracterizado pela estreiteza da boca e largura da parte interior”. (IBGE, 2015).

SALGADA (O) (Lagoa/Riacho/Rio) – Litotopônimo. ▪Português < latim. ▪Nome simples. ▪Nome de três Lagoas: 1 localizada no município de Santo Estevão e duas localizadas no município de Feira de Santana. Há variação lexical “Salgado”, nomeando um riacho e um rio, que passam respectivamente pelos municípios de Antonio Cardoso, Anguera e São Gonçalo dos Campos e Santanópolis, Santa Bárbara e Feira de Santana. Cinco Ocorrências ▪Que não é doce. No caso, característica da água que é salobra.

SALITRE (Rio) – Litotopônimo •Português < latim. •Nome composto. •Nome de um rio que passa pelo município de Santanópolis. • Uma ocorrência •Relativo à sal.

SÃO FRANCISCO (Serra do) – Hagiotopônimo. • Português < latim •Nome composto. •Nome de uma serra localizada no município de Ipecaetá. • Uma ocorrência •Francisco nasceu na cidade de Assis, na Itália, mas deixou sua vida de riquezas para se dedicar aos pobres e às missões. Hoje é um dos santos mais conhecidos e homenageados na tradição cristã católica.

SECO (Riacho / Rio) – Hidrotopônimo. • Português < latim. •Nome simples. •Nome de um riacho e dois rios localizado respectivamente nas cidades de Coração de Maria, Iará e Amelia Rodrigues. • Três ocorrências •Rio que apresenta baixa ou ausência de água, que esvazia com frequência.

SERGI (Rio) – Zootopônimo. •Indígena (Do tupi *seri-y*). •Nome simples. •Nome de um rio que passa pelo município de São Gonçalo dos Campos. •Uma ocorrência. •O rio Sergi é o maior afluente do rio Subaé, que atravessa a cidade de Santo Amaro, nasce nas proximidades da cidade de Feira de Santana, desaguando nele após atravessar o Cãnyon Sergi. • “Acredita-se que o nome seja uma redução de “Serigi”, de *seri-y* = rio dos siris”. (TIBIRIÇÁ, 1985)

SUBAÉ (Rio) – Animotopônimo Eufórico. •Indígena (Do tupi “*cô + mbaé*”). •Nome simples. •Nome de um rio que passa pelo município de Feira de Santana. •Uma ocorrência. •Significa “coisa partida ou confluência” e para Teodoro Sampaio viria de “*çô + bai + ê*”, o que liga ou adere = confluência. (GREGÓRIO, 1980)

T

TÁBUA – Ergotopônimo. •Português < latim. •Nome simples. •Nome de uma lagoa localizada no município de Feira de Santana (Lagoa da Tábuia). •Uma ocorrência. • “Peça de madeira, usada na construção de móveis” (CUNHA, 2007).

TAMANDUÁ – Zootopônimo. •Indígena (do tupi “*tamanu'a*”). •Nome simples. • Nome de um riacho que passa pelo município de Antonio Cardoso (Riacho Tamanduá). •Uma ocorrência. • “Mamífero desdentado da família dos mirmecofagídeos” (CUNHA, 2007).

TANQUE DO GUIGUÁ – Ergotopônimo/Hidrotopônimo. •Português. •Nome composto. •Nome de um riacho no município de Coração de Maria (Riacho Tanque do Guiguá). •Uma ocorrência. • “Reservatório artificial usado para armazenamento de água de chuva” (CONSÓRCIO PCJ 2005) •Na região, o termo é usado como sinônimo de poço, armazenamento natural.

TANQUINHO – Ergotopônimo/Hidrotopônimo. •Português < latim • Nome simples. •Nome de uma serra localizada no município de Tanquinho (Serra de Tanquinho). •Uma ocorrência. • “Reservatório artificial usado para armazenamento de água de chuva”

(CONSÓRCIO PCJ) ▪ Na região, o termo é usado como sinônimo de poço, armazenamento natural. Nota: Considerou-se também a classificação taxionômica hidrotopônimo para o topônimo Tanquinho, devido à história local do município de mesmo nome fazer referência a uma nascente conhecida como Tanquinho do Gonzaga, na qual alguns comerciantes paravam para descascar e se refrescar no período mais quente, antes da formação do povoado que anos mais tarde se tornaria a cidade de Tanquinho (BA).

TAPAIÚNA – Etnotopônimo. ▪ Indígena (Do tupi de 'tapuia + una' ou "tapanhuno")
▪ Nome simples ▪ Nome de um riacho que passa pelo município de Santo Estevão (Riacho Tapaiúna). ▪ Uma ocorrência. ▪ “Nome dado aos negros africanos residentes no país. tapuia preto ou escravo negro. Variações: *tapanhuna, tapanhuno, tapaiuna e tapaiuno*”.(GREGÓRIO, 1980)

TENENTE – Axiotopônimo. ▪ Português < latim ▪ Nome simples. ▪ Nome de um riacho que passa pelo município de Feira de Santana (Riacho do Tenente). ▪ Uma ocorrência. ▪ “Posto da hierarquia militar” (CUNHA, 2007).

TIMBU - Zootopônimo ▪ Indígena (Do tupi “*timbu*”) ▪ Nome simples. ▪ Nome de um riacho que passa pelo município de Coração de Maria. (Riacho Timbu). ▪ Uma ocorrência. ▪ “**Timbu** é “respiração forte, quando faz esforço qualquer” e no Nordeste, significa “gambá” (TIBIRIÇÁ, 1985)

TOCA DA ONÇA – Ecotopônimo. ▪ Indígena (Do tupi 'oca') ▪ Nome composto. ▪ Nome de um riacho, que passa pelo município de Antonio Cardoso (Riacho Toca da Onça). ▪ Uma ocorrência. ▪ Local, abrigo onde a onça se esconde. ▪ “De toca, cova, esconderijo de animais, termo tirado do léxico espanhol (tueca), porém oriundo do tupi "oca", casa, abrigo, esconderijo com acréscimo do suf. **t'**, **t'oca**” (TIBIRIÇÁ, 1985)

TOCO – Ergotopônimo. ▪ Português < Origem obscura ▪ Nome simples. ▪ Nome de um riacho localizado no município de Antonio Cardoso (Riacho Toco). ▪ Uma ocorrência. ▪ “Parte do tronco que permanece ligada à terra depois de cortada a árvore, cacete, bordão, ponta” (CUNHA, 2007).

TRAÍRAS – Zootopônimo ▪ Indígena (Do tupi '*tare'ira*') ▪ Nome simples. ▪ Nome de um rio que limita o município de Ipecaetá (Rio das Traíras). ▪ Uma ocorrência. ▪ “Peixes da família dos caracídeos” (CUNHA, 2007).

TRARIPE – Zootopônimo. ▪ Indígena (Do tupi “*tarayr + y + pe*”). ▪ Nome simples. ▪ Nome de um rio que corta o município de Amélia Rodrigues. (Rio Traripe). ▪ Uma ocorrência. ▪ “No rio das traíras, do tupi '*tarayr + y + pe*” (RAMOS, 2008)

V

VALADO – Geomorfotopônimo. •Português < latim. •Nome simples. •Nome de um riacho que passa pelo município de Terra Nova (Riacho Valado). •Uma ocorrência. ▪ “Vala pouco funda, fosso. Substantivação do adjetivo latino 'lallatus', entrincheiramento, fortificado” (CUNHA, 2007).

VARGEM GRANDE (Lagoa da) – Geomorfotopônimo ▪ Português •Nome composto. •Nome de uma lagoa localizada no município de São Gonçalo dos Campos. •Uma ocorrência. ▪ “Planície fértil e cultivada, em um vale” (FERREIRA, 1987) ▪ O mesmo que *várzea*.

VÁRZEA NOVA (Lagoa) – Geomorfotopônimo ▪ Português •Nome composto •Nome de uma lagoa localizada no município de Santo Estevão. •Uma ocorrência. ▪ “Planície fértil e cultivada, em um vale” (FERREIRA, 1987)

VÁRZEA REDONDA (Lagoa) – Geomorfotopônimo ▪ Português •Nome composto •Nome de uma lagoa localizada no município de Santo Estevão. •Uma ocorrência. ▪ “Planície fértil e cultivada, em um vale” (FERREIRA, 1987) ▪

VELHO (Riacho do) – Cronotopônimo. ▪ Português < latim •Nome simples •Nome de um riacho que passa pelo município de Anguera. •Uma ocorrência. ▪ “Aquilo que é não tem mais uso ou utilidade; o mesmo que idoso” (CUNHA, 2007).

VERMELHO (Rio) – Cromotopônimo. •Português < latim. •Nome simples •Nome de um rio que passa pelo município de Teodoro Sampaio. •Uma ocorrência. ▪Da cor de sangue.

VINAGRE (Riacho do) – Ergotopônimo. •Português < latim. •Nome composto •Nome de um riacho no município de Água Fria. •Uma ocorrência. ▪ “Produto oriundo da transformação em ácido acético do álcool, contido em certas bebidas, pela fermentação” (CUNHA, 2007).

VITÓRIA (Riacho) – Animotopônimo Eufórico. •Português < latim •Nome simples •Nome de um riacho no município de Água Fria. •Uma ocorrência. ▪ “Triunfo, bom êxito, sucesso” (CUNHA, 2007).

Recebido em: 24-10-2020

Aprovado em: 18-12-2020